

consciência Bancária

EDIÇÃO DIÁRIA - ANO XXVII - 6525 - TERÇA-FEIRA, 10 DE MARÇO DE 2020



AGÊNCIAS NÃO PODEM FUNCIONAR SEM VIGILANTES

As agências bancárias não podem funcionar sem a presença de, pelo menos, dois vigilantes. A lei federal de nº 7.102/83, que visa proteger a vida de bancários e clientes, foi reforçada na Bahia com a atualização da Súmula 63 do TRT-BA, publicada no Diário da Justiça em 2018.

De acordo com o Tribunal Regional do Trabalho, o descumprimento da súmula gera dano moral coletivo. Sem dúvidas, é uma importante vitória para os trabalhadores em meio aos ataques sofridos nos últimos três anos, a partir do governo Temer.

O Movimento Sindical sempre esteve atento aos abusos dos bancos que, sobretudo durante as greves dos vigilantes, tentavam desrespeitar à lei.

Agora, a decisão do TRT-BA refirma que há um entendimento da Justiça sobre o



caso, ou seja, os estabelecimentos com guarda de valores ou movimentação de dinheiro não podem funcionar sem os profissionais da segurança.

A greve

A greve que começou hoje trazem as reivindicações dos vigilantes que são referentes a um reajuste de 13% nos salários, além do aumento do vale de refeição. Os Sindicatos de Vigilantes informam que não tem previsão para o retorno das atividades. A greve é por tempo indeterminado.

Fonte: SBBA

BNB LUCRA R\$ 1,7 BILHÃO, CRESCIMENTO DE 135,6%

O BNB obteve lucro líquido de R\$ 1,7 bilhão, crescimento de 135,6% na comparação com 2018. O resultado, o melhor da história da instituição, comprova que o banco é eficiente e essencial para o desenvolvimento da região Nordeste, ao contrário do que o governo Bolsonaro tenta fazer a sociedade acreditar.



De acordo com análise do Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), o bom desempenho se deve, sobretudo, a elevação da margem financeira de operações de crédito da carteira própria, a alta de R\$ 234,8 milhões nas receitas de financiamento de longo prazo com recursos do FNE e ao crescimento das receitas de prestação de serviços.

Com aumento de 7,4% em 12 meses, as receitas de prestação de serviços e rendas de tarifas

bancárias totalizaram R\$ 2,7 bilhões. Já as despesas de pessoal permaneceram praticamente estáveis no período, em R\$ 2 bilhões.

Embora tenha apresentado números positivos em 2019, a política de gestão do BNB segue a linha dos demais públicos: de desmonte. Em 2019, foram fechados 203 postos de trabalho, comprometendo o bom atendimento ao cliente. O número de agências, no entanto, continua o mesmo, 292.

Fonte: SBBA

RETROCESSO: MP 905 ACABA COM ACIDENTE DE TRAJETO



O presidente Bolsonaro não mede esforços para prejudicar o trabalhador. Bem que ele avisou. O brasileiro teria de escolher entre emprego e direitos. Nem mesmo as pessoas que sofrem acidentes escapam. Com a medida provisória 905, o acidente de percurso deixa de ser considerado acidente de trabalho.

Os dados mostram os possíveis impactos. Somente em São Paulo, 29,54% das CATs (Comunicação por Acidente de Trabalho) emitidas pelos bancos nos últimos 10 anos foram decorrentes de acidentes de trajeto.

No setor, foram comunicados 9.883 acidentes de trabalho em 10 anos. Destes, 2.919 foram no deslocamento entre a casa e o trabalho. Com as mudanças impostas por Bolsonaro, que beneficiam apenas o grande capital, o trabalhador deixa de contar com o apoio da empresa e do governo.

A sociedade precisa ficar em cima para impedir que a medida provisória passe pelo Congresso Nacional. Hoje (10), às 13h, a Comissão Mista do Senado analisa a MP 905. (SBBA)

CRIMES AMBIENTAIS

LIBEROU GERAL - É incrível, apesar de a Amazônia ter ardido em fogo durante semanas, do crescimento considerável do desmatamento em diferentes biomas, o Ibama teve uma queda de 34% nas multas por infração ambiental, ano passado. Os crimes contra o meio ambiente dispararam no governo Bolsonaro, sem falar nas invasões de terras indígenas e quilombolas. Liberou geral. (SBBA)

PLANTONISTAS DE HOJE

Manhã: EVERILDO

Tarde: PAULINHO

CIÊNCIA E CONHECIMENTO: A PRESENÇA DAS MULHERES

Durante um longo espaço de tempo que abrange séculos, milênios até, a história foi escrita por homens que sedimentaram a ideia de que os feitos relevantes na trajetória da humanidade foram realizados por outros homens. Assim, além da luta contra violências de todo tipo, as mulheres também enfrentam o enorme desafio de lutar contra a invisibilidade que é, em si mesma, uma forma de violência contra o direito de existir social e historicamente.

No campo científico, essa invisibilidade só começa a ser rompida a partir do século XX, embora existam registros milenares de mulheres que deixaram um legado silencioso de descobertas científicas, tais como Tapputi Belatekallim, considerada a primeira química do mundo e que deixou os primeiros registros de realização de procedimentos como a destilação de ervas para a obtenção de perfumes e medicamentos. Isto por volta do ano 1.200 a.C. na Mesopotâmia dos rios Tigre e Eufrates, no atual Iraque. É bem pouco provável que alguém tenha ouvido falar em Tapputi durante a formação escolar, embora a ela seja atribuída a criação de vários instrumentos para a obtenção de compostos e a separação de substâncias. Condenadas ao esquecimento pelo fato de serem mulheres, ou tendo sua memória apagada ou desqualificada, as mulheres que dedicaram suas vidas ao conhecimento nos deixaram um legado que precisa ser resgatado. Mulheres que, por sua inquietação diante do mundo e dos fenômenos da natureza, eram consideradas seres perigosos, pagando, não raro com suas vidas a afronta de se dedicarem à ciência. Foi o caso de Hipátia de Alexandria, matemática, filósofa, astrônoma (360 d.C. – 415 d.C.), assassinada por cristãos fundamentalistas no início do cristianismo. Aliás, o fundamentalismo de todas as vertentes, assim como não tolera a ciência, tolera menos ainda que ela seja feita por mulheres.



Punição e invisibilidade combinaram-se ao longo dos séculos, para impedir que as mulheres assumissem protagonismo científico. Na idade média, as curas realizadas por Hildegard de Bingen, uma monja beneditina do século XII, com vastos conhecimentos de medicina e botânica, além de musicista, eram considerados milagres e não o fruto de seus estudos e pesquisas. Também no século XII, Trotula de Salerno, uma médica que viveu na Itália, de quem sabemos apenas o codinome, quase desapareceu da história pois seus escritos eram frequentemente apropriados por homens. Considerada pioneira na descrição da fisiologia feminina, apenas no ano de 1930, já no século XX, uma obstetra e feminista canadense, Kate Hurd-Mead realizou estudos provando a existência da médica de Salerno, a autoria de seus escritos e a importância deles para a medicina.

Mesmo em meio a um cenário adverso, mulheres dedicadas à ciência não faltaram. No século XVIII, Maria Gaetana Agnesi elaborou o primeiro livro de álgebra escrito por uma mulher, apresentando soluções para equações complexas que ainda hoje são usadas. Mas foi no século XIX, quando a revolução industrial já avançava e a ciência substituiu a explicação religiosa do mundo, que as mulheres passam a ter visibilidade no campo científico, embora suas realizações ainda fossem, quando muito, uma simples nota de rodapé na história da ciência. É o caso de Ada Lovelace (1815-1852), que, com suas pesquisas sobre motores a partir da lógica algorítmica, criou um mecanismo que serviu de base para a invenção dos primeiros computadores. Ada e muitas outras mulheres anônimas abriram portas para que, ao final do século XIX e início do século XX, mais e mais mulheres adentrassem os domínios da ciência, possibilitando o surgimento de expoentes como Marie Curie, reconhecida como um dos grandes nomes da Física moderna. Suas pesquisas sobre a radioatividade redundaram na descoberta de dois elementos, o polônio e o rádio, sendo a primeira mulher a receber um prêmio Nobel e a primeira pessoa a receber duas vezes essa premiação; em Química em 1903 e em Física.

Hoje, em pleno século XXI, talvez já não seja tão presente a conhecida e recorrente prática de atribuir a homens as descobertas científicas realizadas por mulheres, conforme denunciou Matilda Joslyn Gage no seu ensaio “Woman as Inventor” e que por isso ficou conhecida como “efeito Matilda”. Porém, se comparado ao número de homens, o número de mulheres cientistas, embora tenha aumentado significativamente em relação ao número do início do século XX, ainda permanece reduzido.

No Brasil, segundo dados da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC, embora exista relativo equilíbrio entre o número de homens e mulheres registrados na base de dados do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, a desigualdade aparece quando áreas de conhecimento são tomadas isoladamente. Nas áreas “tradicionalmente” tidas como masculinas, como, por exemplo, ciências exatas e da terra, (física, química e matemática), a proporção é de 68% para homens e 32% para mulheres.